



## ARTE COMO FORMA DE EXPRESSÃO LATINO-AMERICANA DE RESISTÊNCIA AO IRRACIONALISMO

**Eixo 6: Capitalismo contemporâneo, desenvolvimento econômico e pobreza**

**JULIANA CRISTINA SCABELLO<sup>1</sup>**

**RESUMO:** Este artigo busca apresentar uma reflexão sobre a América Latina, em todas as suas nuances constitutivas - sócio-histórica, econômica, política, cultural e ideológica - que favorecem a proliferação de formas de vida e consciência baseada no irracionalismo, sustentadas pelo pensamento cotidiano e superficial da realidade social. Será particularizado a análise da arte, a partir do método materialista histórico dialético, como expressão latino-americana e suscitadora de processos reflexivos que buscam uma visão mais ampla e substancial da totalidade social, e como podem promover formas de resistência.

**Palavras-chave:** América Latina, irracionalismo, capitalismo dependente, arte.

**ABSTRACT:** This article seeks to present a reflection on Latin America, in all its constitutive nuances - socio-historical, economic, political, cultural and ideological - that favor the proliferation of forms of life and consciousness based on irrationalism, sustained by the everyday and superficial thinking of social reality. The analysis of art will be particularized, based on the dialectical historical materialist method, as a Latin American expression and a catalyst for reflective processes that seek a broader and more substantial vision of the social totality, and how they can promote forms of resistance.

**Keywords:** Latin America, irrationalism, dependent capitalism, art.

### INTRODUÇÃO

Resistir é uma palavra chave importante em tempos de crise sistêmico-estrutural do capital e da política como um todo. Na América Latina, essa conjuntura tem traços mais distópicos tendo em vista o capitalismo dependente, bem como a influência sociocultural e a subordinação aos países imperialistas centrais.

<sup>1</sup> Assistente Social trabalhadora do SUAS. Mestra e Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Serviço Social. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC SP. Pesquisadora do Núcleo de Estudos em Aprofundamento Marxista - NEAM/PUC SP. E-mail: [ju\\_c\\_scabello@hotmail.com](mailto:ju_c_scabello@hotmail.com). Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1230271290754171>.



Essas determinações sociais desencadeiam formas de subjetividade, pensamento e sociabilidade que se estruturam sobre o irracionalismo (Lukács), baseado no pensamento cotidiano - imediato, espontâneo e fragmentado - da realidade social. Nesse sentido, a arte, tendo em vista o método materialista histórico dialético, como elevação da cotidianidade, através da análise mediativa que favorece processos reflexivos que buscam a essência de fato dos fenômenos, favorecem uma forma crítica de expressão da realidade latino-americana e, com isso, promovem/projetam resistências e mobilização para a luta coletiva.

Destarte, no primeiro item sinaliza-se um rápido contexto da constituição do continente latino-americano sendo apresentado pelo título da obra *Cem Anos de Solidão*, de Gabriel García Marquez, o qual se relaciona sobremaneira com o período pontuado neste tópico. É uma representação da identidade da América Latina e denúncia dos aspectos sócio-históricos, econômicos, políticos, culturais e ideológicos que permeiam a totalidade deste continente e das singularidades daqueles que os vivenciam.

Já no segundo, faz uma reflexão acerca do irracionalismo a partir da obra de Isabel Allende, *a Casa dos Espíritos*, cuja representação do pano de fundo socioeconômico e, principalmente, político deste continente demonstra a forma como o irracionalismo penetrou nos modos de vidas das/es/os sujeitas/es/os de maneira pungente.

O terceiro tópico busca analisar a função da arte e como os processos reflexivos mediados por ela podem desencadear práticas de resistência ao irracionalismo permeado na sociabilidade capitalista, privilegiando nesta reflexão a América Latina, espaço contraditório de subordinação e resistência, através da música *À Palo Seco*, do compositor e cantor Belchior.

## DESENVOLVIMENTO

### **Cem Anos de Solidão<sup>2</sup>: O Contexto Latino-Americano**

A América Latina é um território plural, vivo e rico, mas forjado na violência, dominação,

---

<sup>2</sup> Obra escrita por Gabriel García Marquez em 1967. O livro relata a história da cidade fictícia de Macondo bem como de seus fundadores, os Buendía. O autor utiliza o gênero literário realismo mágico para representar/denunciar a formação sócio-histórica bem como a sociabilidade latino-americana.



opressão, exploração e submissão, as quais perduram até a contemporaneidade.

O traço central da constituição dos países latino-americanos foi determinado por um capitalismo dependente<sup>3</sup> subordinado ao imperialismo<sup>4</sup> de países centrais, tendo como primeira expressão a colonização ibérica<sup>5</sup> a qual estabeleceu o poder político e econômico nesses países através das grandes navegações. Os efeitos desse processo se manifestaram através da espoliação das riquezas naturais e da terra, o cultivo de grandes plantações que foram transformadas em mercadorias direcionadas ao comércio externo - principalmente da Europa - fundada na escravização e genocídio de indígenas (povos originários) e negras/es/os (sequestradas/es/os do continente africano) e com a repressão e exploração, até o limite, de sua força de trabalho a fim de acumulação de riquezas para a burguesia externa e para a que estava se formando no continente.

Mesmo após os processos formais de independência - Haiti (1804), Argentina (1816), Guatemala (1821), México (1821), Brasil (1822), Peru (1824), entre outros - na América Latina ainda persiste a condição de dependência, subjugada econômica, sociocultural e ideologicamente aos países centrais. Tendo em vista a divisão internacional do trabalho imposta pela dinâmica do capitalismo global imperialista, a região se estabeleceu enquanto subordinada para atender as demandas destes países para acumulação capitalista e fornecimento de mão de obra barata, gerando, assim, uma sociabilidade extremamente desigual e perpetuando um ciclo de dependência.

Outro ponto importante na processualidade socioeconômica e histórica diz respeito a industrialização tardia e precária que ocorreu no século XX na maioria destas nações. De caráter imperialista, a indústria se desenvolveu se direcionando para bens de consumo (não duráveis) e

<sup>3</sup> De acordo com Ruy Mauro Marini “(...) as relações da América Latina com os centros capitalistas europeus se inserem em uma estrutura definida: a divisão internacional do trabalho, que determinará o curso do desenvolvimento posterior da região. Em outras palavras, é a partir desse momento que se configura a dependência, entendida como uma relação de subordinação entre nações formalmente independentes, em cujo âmbito as relações de produção das nações subordinadas são subordinadas ou recriadas para assegurar a reprodução ampliada da dependência. O fruto da dependência só pode assim significar mais dependência e sua liquidação supõe necessariamente a supressão das relações de produção que ela supõe” (2000, p. 109).

<sup>4</sup> Conforme Lênin, “O imperialismo é, pois, o capitalismo na fase de desenvolvimento em que ganhou corpo a dominação dos monopólios e do capital financeiro, adquiriu marcada importância a exportação de capitais, começou a partilha do mundo pelos trusts internacionais e terminou a partilha de toda a terra entre os países capitalistas mais importantes” (2011, p. 218). É uma política expansionista parasitária que aprofunda as contradições do modo de produção capitalista, sobretudo em países de capitalismo dependente.

<sup>5</sup> O colonialismo realizado em países da América-Latina foi essencial para a acumulação primitiva do capital, pois a riqueza produzida pelas colônias, obtidas através do trabalho escravizado e dos saques dos recursos naturais, financiou o desenvolvimento capitalista na Europa, bem como impulsionou sua expansão em escala global.



dependente de importação de bens de capital, constituindo, assim, uma burguesia latino-americana submissa ao capital internacional e ao Estado.

Além disso, no século XX, a América Latina foi permeada por períodos autocráticos com governos “explicitamente a favor do imperialismo ou mais próximos de projetos nacionais desenvolvimentistas com certa distribuição interna da riqueza” (Silva, 2021, p. 09), a exemplo de “José Batlle y Ordóñez no Uruguai, Getúlio Vargas no Brasil e Juan Perón na Argentina (guardadas suas diferenças – temporais e conjunturais – e suas contradições)” (Silva, 2021, p. 09), e por períodos de ditaduras civil-militar que ocorreram durante a Guerra-Fria, - Brasil (1964 a 1985), Argentina (1966 a 1973 e 1976 a 1983), Chile (1973 a 1990), entre outros - determinadas pelo capital externo com a intervenção de países imperialistas. Sendo o Estado<sup>6</sup> um instrumento de dominação de classe, em prol do capital internacional, e para o favorecimento da acumulação capitalista através do controle social, estas contrarrevoluções preventivas - impedir o avanço de processos revolucionários ou mesmo reformas estruturais, desarticular as organizações sociais e neutralizar a consciência de classe -, com o apoio de países centrais, atuaram de forma a garantir o ajuste estrutural atroz e necessário para a manutenção do capital interno e externo.

Nesse bojo sociopolítico, foi deflagrado, em abrangência planetária, o início do colapso do capitalismo a partir da década de 1970, com as crises do petróleo, onde o mundo contemporâneo não se encontrava “frente a uma crise cíclica do capitalismo mais ou menos extensa, mas a uma crise estrutural, profunda, do próprio sistema do capital” (Mészáros, 2000, p. 07). Em resposta a essa derrocada, houve uma grande ofensiva do capital sob a égide neoliberal<sup>7</sup> a fim de preservar o próprio sistema capitalista em detrimento da satisfação das necessidades humanas e da garantia dos direitos das/es/os trabalhadoras/es.

<sup>6</sup> Fontes compreende o Estado como “a condensação material de relações de força entre classes e suas frações. É sempre espaço de dominação e de luta de classes, cujos confrontos geram movimentos internos ao Estado, eventuais conquistas ou derrotas pelas classes trabalhadoras ou subalternas.” (2017, p. 418). O Estado não é neutro e tem a função de organizar a sociedade e mediar conflitos de classe de forma imparcial segundo os interesses da burguesia a fim de viabilizar as condições necessárias para a acumulação capitalista. Contudo, tendo em vista determinações sociais e a correlação de forças, principalmente mobilizadas em períodos de lutas, podem ocorrer conquistas sociais importantes, mas paliativas, uma vez que não alteram a estrutura das relações de produção e reprodução social.

<sup>7</sup> Segundo Harvey “um projeto utópico de realizar um plano teórico de reorganização do capitalismo internacional ou como um projeto político de restabelecimento das condições da acumulação do capital e de restauração do poder das elites econômicas” (2011, p. 27). Seus fundamentos se sustentam na desregulação dos mercados, propriedade privada, abertura econômica, financeirização da economia, privatizações, desregulamentação das legislações trabalhistas com maior precarização do trabalho, cortes de gastos públicos com desresponsabilização estatal, entre outros (Harvey, 2011)



A América Latina não passou isenta por esse turbilhão, muito pelo contrário, tanto que o Chile foi laboratório desse “experimento neoliberal” que foi instaurado em plena ditadura do Pinochet. Este modelo aprofundou ainda mais a condição de dependência e consolidou a aliança entre a burguesia local e o capital internacional. As privatizações de setores estratégicos estatais e a promoção de uma relativa desindustrialização, enfraqueceram as indústrias nacionais em detrimento das multinacionais - que repatriam seus lucros e excedentes -, limitando a acumulação interna de capital e reforçando a importação de técnicas, tecnologias e bens industrializados. Como resultado, a região reconduziu sua posição enquanto exportadora de matérias-primas e commodities - produção e venda de produtos agrícolas e de outros produtos de bens primários de menor valor - através do agronegócio, cujos preços são instituídos nos mercados financeiros globais. Ao estar mais vulnerável aos movimentos, oscilações e interesses do capital externo, acumula-se uma dívida externa considerável e, concomitantemente, fortalece a financeirização da economia - o lucro vem mais da especulação, juros, dividendos da renda e não da produção - com a fuga de capitais e investimentos especulativos, gerando uma maior instabilidade econômica. Com isso, os Estados priorizam o pagamento e adotam políticas neoliberais de ajustes fiscais via cortes de gastos sociais e precarização, agravando desigualdades e fragilizando a população.

Apesar dessas expressões destrutivas da dominação do capital internacional sobre a América Latina, a “nova” forma de acumulação capitalista de viés financeiro objetivada a partir do século XXI desencadeou um colapso sistêmico-estrutural do capital sem precedentes com a crise de 2008<sup>8</sup> que atingiu todos os aspectos constitutivos da realidade social, sobremaneira o econômico, social e cultural (Mészáros, 2009). Soma-se a este processo a crise sanitária da pandemia da COVID-19, que escancarou ainda mais a barbárie capitalista.

Essa relação de produção e reprodução social subalterna desencadeou uma exploração da classe trabalhadora ainda mais brutal. A superexploração (Marini, 2000) é a intensificação do processo exploração da força de trabalho viabilizada pelo mais valor<sup>9</sup>, através de salários baixos - dificultando a própria reprodução social e de sua família -, jornadas exaustivas e extrema precarização

<sup>8</sup> Também ficou conhecida como crise das hipotecas subprime, a especulação imobiliária que levou ao desencadeamento da crise, desmoronou todos os grandes bancos de investimento de Wall Street (Harvey, 2011).

<sup>9</sup> O mais - valor é a diferença entre o salário pago a/ao trabalhadora/r e o valor produzido pelo seu trabalho, que não é pago e é apropriado pela burguesia (Marx, 2017).



do contrato e das condições de trabalho.

Em todo o continente, todos esses processos em conjunto e articulados dialeticamente agudizaram as múltiplas expressões da questão social<sup>10</sup> e trouxeram à tona o avanço da retórica reacionária, reflexo de sua “insuperabilidade histórica de sua condição (genético-estrutural) de colônia” (Mazzeo, 2015, p. 16).

São nesses aspectos que se encontram os fundamentos em que se instituiu a América Latina. Aspectos que fazem parte de uma totalidade social engendrados por mediações nas e entre as totalidades constitutivas e a totalidade que é a sociedade capitalista. E determinações que condicionam o modo de vida, o pensamento, subjetividade e sociabilidade das/es/os sujeitas/es/os, conforme enunciado por Marx e Engels – é “(...) a vida que determina a consciência” (2009, p. 32).

Nesse sentido, a vida latino-americana conformou sujeitas/es/os a uma sociabilidade submetida à lógica do capital e aos centros capitalistas - nos aspectos econômico, social, cultural e ideológico - expressos por um pensamento antidemocrático, autocrático e conservador/reacionário, atrelados ao irracionalismo, herdados do contexto histórico-particular desse território e fundado no patriarcado, no familismo, no racismo, entre outros elementos.

## A Casa dos Espíritos<sup>11</sup>: O Irracionalismo que Assombra a América Latina

A América Latina é perseguida por espíritos que se instalaram com a colonização e que estão à espreita até hoje. Espíritos que representam as ações violentas, exploratórias, opressoras e dominadoras daqueles que se acomodaram neste continente e que submeteram todo este território à

<sup>10</sup> Conforme Iamamoto “(...) expressa, portanto, desigualdades econômicas, políticas e culturais das classes sociais, mediadas por disparidades nas relações de gênero, características étnico-raciais, relações com o meio ambiente e formações regionais, colocando em causa amplos segmentos da sociedade civil no acesso aos bens da civilização” (2008, p. 160). Contudo, nos últimos anos, tem se aprofundado sobre a relevância das relações étnico-raciais no debate da questão social, bem como das determinações de gênero, sexualidade e território. Tradicionalmente, a compreensão da questão social tendeu à abstração e generalização, priorizando a centralidade da relação entre capital e trabalho para a exploração e acumulação capitalista, sem considerar a particularidade da constituição sócio-histórica brasileira, a qual o racismo é elemento constitutivo e estrutural.

<sup>11</sup> Livro escrito por Isabel Allende em 1982 e narra a saga da família Trueba em um país fictício latino-americano. A autora combina o estilo literário realismo mágico com uma narrativa sobre a luta de classes e a ditadura neste continente, em conjuntura de Guerra-Fria, período em que o irracionalismo funcionou como uma ideologia que ocultou a luta de classe e reforçou narrativas autoritárias a fim de controle social e acumulação capitalista.



“civilidade” europeia e depois, na processualidade sócio-histórica, à sociabilidade dos países centrais do capitalismo.

Para tanto, é claro, foi necessário um aparato ideológico de consenso e controle das/es/os sujeitas/es/os latinas/es/os-americanas/es/o, a fim de manipular e subjugar os modos de vida e de consciência ao incorporar normas e comportamentos necessários e funcionais à produção e reprodução aos ditames do capital.

Tal mecanismo é fundamentado no irracionalismo que

como concepção do mundo fixa este esvaziamento da alma humana de qualquer conteúdo social, contrapondo-o rígida e exclusivamente ao esvaziamento, igualmente mistificado, do mundo do intelecto. Assim, o irracionalismo não se limita a ser a expressão filosófica da barbárie que cada vez mais intensamente domina a vida sentimental do homem, mas a promove diretamente. Paralelamente à decadência do capitalismo e ao aguçamento das lutas de classes em decorrência de sua crise, o irracionalismo apela – sempre mais intensamente – aos piores instintos humanos, às reservas de animalidade e de bestialidade que necessariamente se acumulam no homem em regime capitalista (Lukács, 2015, p. 114).

O irracionalismo condiciona a compreensão da realidade social de forma fetichizada e alienada, dissimulando a substância dos fenômenos sociais. Assim, essa realidade é percebida, na imediaticidade, somente através de sua manifestação fenomênica, fragmentada, dificultando a sua concepção como uma totalidade.

As relações sociais que constituem a trama da realidade social na sociabilidade capitalista, são contraditórias e antagônicas e construídas mediante processos econômicos e sócio-históricos. Contudo, o irracionalismo oculta as determinações sociais que a condiciona e transfere esses conflitos sociais no âmbito da individualidade, possibilitando, assim, a sua compreensão de maneira naturalizada, “como as únicas racionais e universalmente válidas” (Marx e Engels, 2009, p. 69), falseando a realidade a fim de perpetuar a ordem social vigente. Com isso, o irracionalismo tem como princípios a depreciação da razão, valorização de experiências e saberes subjetivos e intuitivos, priorização de concepções estáticas e míticas da realidade social, criação de mitos, negação de análises construídas através da processualidade sócio-histórica e dialética, entre outros (Lukács, 2000).

Ao não se aprofundar no cerne dos fenômenos sociais, o irracionalismo proporciona o esvaziamento da razão e uma concepção ilusória do mundo, viabilizando a reprodução da ideologia do capital e das classes dominantes, legitimando e promovendo a intolerância a/aos sujeitas/es/os que não se conformam ao status quo presente nesta sociabilidade.



Nesse sentido, em momentos de recessão do capitalismo, a intolerância se acentua sobremaneira desencadeando uma barbarização dos processos civilizatórios. Na contemporaneidade, período de crise sistêmico-estrutural do capitalismo, há uma naturalização maior da barbárie, chegando a níveis de bestialidade nas relações sociais entre as/es/os sujeitas/es/os, alastrando o consentimento à retórica reacionária. Ou seja, o irracionalismo, produto da decadência ideológica capitalista, serviu como base de ideologias de extrema-direita, conservadoras, reacionárias e (neo)fascistas que surgiram e se consolidaram como reação à crise para garantir a acumulação do capital, perpetuando a alienação, exploração, opressão e dominação.

Na América Latina, tendo em vista sua condição de dependência no marco da divisão internacional do trabalho, o irracionalismo encontra terreno fértil para a disseminação de sua ideologia enquanto expressão da crise sistêmico-estrutural do capital, onde a burguesia local, subordinada ao capital internacional, recorre a formas mais austeras para manter sua hegemonia em meio ao aprofundamento das contradições de classe. Nesta perspectiva, materializa-se nas relações sociais concretas: tomou as ruas, ocupou as conversas nos bares, invadiu as mídias, penetrou no meio político e no Estado como forma degenerada da política burguesa em tempos de crise.

Governos como os de Bolsonaro (2019-2022) no Brasil e de Milei (2024-) na Argentina, Piñera (2010-2014/2018-2022) no Chile, entre outros, exemplificam essa tendência. Conciliam pautas sociais, morais, culturais e comportamentais, com viés conservador e reacionário, para fragmentar a classe trabalhadora e justificar a intensificação da exploração, opressão e acumulação capitalista. Consolidam, assim, uma programática política e econômica “entreguista” necessária para estabelecer as novas formas de produção e reprodução social, através de um consentimento social de naturalização da barbárie e esvaziamento político de pautas sociais, a fim de fortalecer a configuração da acumulação capitalista interna e externa - mais devastadora, com a superexploração cada vez maior das classes trabalhadora, com a radicalização das expressões da questão social, desresponsabilização e desproteção do Estado, desmonte das políticas públicas e negação dos direitos.

Entretanto, a América Latina também é espaço de resistência. Uma nova onda progressista apoderou-se deste território desde a pandemia da COVID-19, momento em que ficou claro a importância da proteção estatal viabilizada pelas políticas públicas sociais. Além da eleição do presidente Lula no Brasil (2022), houve também as vitórias de Gabriel Boric no Chile (2021), Pedro



Castillo no Peru (2021), Alberto Fernández na Argentina (2019), entre outras.

## Que esse Canto Torto Feito Faca Corte a Carne de Vocês<sup>12</sup>: Arte como Resistência

Para a tradição marxista e marxiana, a arte constitui uma dimensão ontológica do ser social, participando do processo histórico-dialético de autoformação/autoconsciência do ser humano genérico. É produto do trabalho<sup>13</sup> - fundante do ser social mediante o metabolismo com a natureza, para satisfazer as necessidades objetivas e subjetivas quanto para sua própria "humanização" (Lukács, 2018) -, sendo uma forma de objetivação que se configura através uma atividade consciente em articulação com as condições objetivas de existência bem como as relações sociais, reflexo da totalidade social que possibilita potencialidades criativas ultrapassando a necessidade concreta imediata.

A arte, produto histórico-social da práxis humana, surgiu das necessidades sociais materiais e subjetivas engendradas pelas relações sociais que se manifestam através da vivência das/es/os sujeitas/es/os durante a produção e reprodução da realidade social. Suas diversas formas de expressão são determinadas dialeticamente pelas condições materiais, processo histórico e pelas relações de produção e reprodução social de uma determinada sociedade. Constitui, assim, uma forma de consciência social, que pode promover a reflexão, fortalecer/legitimar ou questionar/criticar a ideologia dominante.

Configura-se enquanto práxis teleológica onde a realidade social é interpretada através de representações na consciência a qual se materializa mediante uma expressão artística dotada de significado subjetivo, mediado dialeticamente por determinações sócio-históricas. É reflexo vivo da

<sup>12</sup> Verso da música À Palo Seco, escrita pelo compositor e cantor Belchior, em 1973 e que faz parte do disco Alucinação (1976). É uma expressão espanhola que significa "direto, franco, sem adornos" e é título de um poema do pernambucano João Cabral de Melo Neto. A canção representa uma exaltação à latinidade, suas formas de vida e de resistência; e crítica ao contexto imperialista e de ditadura civil-militar no Brasil e em outros países latino-americanos patrocinados pelos Estados Unidos da América.

<sup>13</sup> Para Marx "O trabalho é, antes de tudo, um processo entre o homem e a natureza, processo este em que o homem, por sua própria ação, medeia, regula e controla seu metabolismo com a natureza. (...). A fim de se apropriar da matéria natural de uma forma útil para sua própria vida, ele põe em movimento as forças naturais pertencentes a sua corporeidade: seus braços e pernas, cabeça e mãos. Agindo sobre a natureza externa e modificando-a por meio desse movimento, ele modifica, ao mesmo tempo, sua própria natureza. Ele desenvolve as potências que nela jazem latentes e submete o jogo de suas forças a seu próprio domínio" (2017, p. 255).



realidade concreta, que também a recria. Neste sentido, a arte tem a potência de viabilizar às/es/os sujeitas/es/os a leitura e compreensão de si e do mundo que vivencia (Scabello, 2022).

Lukács, pensador marxista, aprofundou a concepção da arte. Segundo o autor, a arte consiste sempre em “reter o significativo e o essencial e em eliminar o acessório e o inessencial” (Lukács apud Konder, 1967, p. 153). A arte, ao romper com a aparência imediata, desconsidera aquilo que dificulta a apreensão da essência da realidade social, diferentemente do pensamento cotidiano, fragmentado, baseado no senso comum, na imediaticidade e na superfície, onde a relevância da manifestação fenomênica sugestiona e naturaliza a relação das/es/os sujeitas/es/os com a realidade, dificultando a sua compreensão como uma totalidade.

Nesta perspectiva, a arte

ao contrário da vida cotidiana, oferece-nos um mundo homogêneo, depurado das ‘impurezas’ e acidentes a heterogeneidade próprias do cotidiano. Na fruição estética, o indivíduo depara-se com a figuração homogeneizadora, mobilizando toda a sua atenção para adentrar-se nesse mundo miniatural, despojado dos acidentes e variáveis que geram as descontinuidades do cotidiano. Essa concentração da atenção, essa mobilização das forças espirituais, produz uma elevação do cotidiano. Nesse momento, segundo Lukács, o indivíduo supera a sua singularidade e é posto em contato com o gênero humano. (Frederico, 2013, p. 135).

Ao desfrutar da arte, as/es/os sujeitas/es/os contemplam uma representação da realidade e a interpreta objetiva e subjetivamente. Este processo desencadeia uma elevação do cotidiano, além de sua aparência imediata, desobstruindo uma compreensão mais ampla e substancial da totalidade social e das suas mediações dialéticas. Assim, ocorre um rompimento com a cotidianidade e, concomitantemente, viabiliza às/os sujeitas/es/os um possível afloramento/despertar de processos de consciência crítica e a ressignificação tanto da própria existência quanto das relações sociais que a determinam, sustentando um novo confronto com o cotidiano. Enriquecidas/es/os por esta experiência, podem superar a sua singularidade e se reconhecerem como ser humano genérico - dimensão universal da existência -, como parte integrante da totalidade e da práxis social coletiva.

Na contemporaneidade, em contexto capitalista, a arte contém uma dualidade intrínseca: sua funcionalidade enquanto suspensão do cotidiano, como supracitada, desvelando as determinações sociais concretas deste modo de produção, bem como as contradições inerentes a ele que possibilitam a dominação burguesa, proporcionado, assim, ferramenta para a crítica e desnaturalização social da ordem vigente; por outro lado, enquanto mercadoria submetida à lógica do valor de troca, esvaziada



seu potencial crítico e apropriada pelo capital como instrumento de alienação.

Neste cenário, o pensamento cotidiano é instrumentalizado como mecanismo de dominação de classe, o qual é atravessado pela ideologia fundada no irracionalismo e a arte é um recurso privilegiado em virtude de seu caráter dialético: simultaneamente resultado das condições objetivas e subjetivas de existência/sobrevivência, assim como seu potencial transformador para promover/projetar resistência e/ou mobilização para as lutas.

A arte latino-americana<sup>14</sup> é plural e diversa, entretanto há uma característica comum que se evidencia: uma identidade relacional e dialética, reflexo de sua formação sócio-histórica, a aproximação com o discurso sociopolítico, seus aspectos autóctones bem como a autorrepresentação/autoconsciência (Lodo, 2019). Reflete, ainda, uma crítica da marginalização sofrida “em relação à produção de países centrais no desenvolvimento da história da arte ocidental no decorrer das últimas décadas” (Lodo, 2019, p. 156), sendo o “modo pelo qual a identidade da produção artística (...) funciona como um meio de impulsionar a autonomia da arte da região diante dos mecanismos viciados desse sistema artístico” (Lodo, 2019, p. 156).

Assim, a arte produzida neste continente - marcado pelo colonialismo e imperialismo que determinaram as relações sociais de produção e reprodução - não se reduz a uma mera expressão estética de elementos e tradições populares, indígenas e afro-diaspóricas. Ela tende a assumir um papel contestador e político pois revela as contradições da realidade social engendrada pelo capitalismo dependente. Ao denunciar a exploração de classe, opressões de gênero, étnico-racial, sexualidade e a dominação colonial/imperialista, a arte confronta o modo capitalista de ser e o predomínio eurocêntrico, possibilitando resistências, a reconstrução de identidades historicamente silenciadas e de uma memória coletiva.

Utilizando-se de um dos versos de Belchior na música A Palo Seco (1974), que a arte pode ser compreendida como “um canto torto feito faca e corte a carne de vocês”, em outras palavras, que a arte promova a suspensão do cotidiano, a reflexão crítica da realidade social e retorne, beneficiado

<sup>14</sup> Usar esse termo pode levar à compreensão reducionista da “arte latino-americana”, considerando-a a partir de “a um único caráter identitário, excessivamente simplificado, [tendo em] vista a complexidade cultural do continente, [que] buscou um caminho de diferenciação, especialmente diante do ‘outro’, estrangeiro e quase sempre estranho ao meio latino (Lodo, 2019, p. 155). Entretanto esta expressão será utilizada para análise deste artigo que privilegia o território da América Latina.



por esta nova vivência, ao cotidiano em forma de resistência e mobilização de lutas sociais.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O irracionalismo é uma realidade na América Latina, em virtude da sua formação sócio-histórica e econômica, a influência sociocultural, do capitalismo dependente e subordinado - econômica, polícia, ideologicamente - a países imperialistas centrais. Mas é uma realidade que pode e deve ser contestada e derrotada.

É um território diverso, mas com uma identidade forjada a partir do período colonial comum. Esse processo de formação da sociedade latino-americana, assim como as formas estabelecidas de produção e reprodução social na sociabilidade capitalista, refletem no cotidiano das/es/os sujeitas/es/os tanto no aspecto objetivo quanto subjetivo e se estruturam sob o irracionalismo.

A arte, como exposto neste artigo e exemplificado por algumas expressões artísticas literárias e musicais, é um instrumento potente de promoção de reflexões e de novas formas de consciência crítica perante a realidade social. Ao desnaturalizar a ordem social vigente e desvelar as determinações sociais inerentes ao modo de produção capitalista, inicia-se um processo de desconforto com a barbárie e de reconhecimento das contradições desta sociabilidade. Portanto, é um campo de disputa ideológica, de luta de classe e que, dependendo de sua forma de expressão e/ou interpretação, tem o potencial de mobilizar resistências e lutas sociais.

Assim, a arte na América Latina, quando radicalmente ligada às expressões de sua latinidade, tradições populares, indígenas e afro-diaspóricas em contraponto ao capitalismo e imperialismo, ao suspender o cotidiano, contribui na superação do irracionalismo burguês, na reconstrução sócio-histórica e política deste território, no rompimento com ideias eurocêntricas e norte-americanas e no chamado à ação coletiva transformadora desta realidade social.

## REFERÊNCIAS

- FERNANDES, Florestan. **Capitalismo Dependente e Classes Sociais na América Latina**. São Paulo: Global, 2009.
- FREDERICO, Celso. **A Arte no Mundo dos Homens: o itinerário de Lukács**. São Paulo: Expressão Popular, 2013.



HARVEY, David. **O Neoliberalismo: história e implicações**. São Paulo: Edições Loylola, 2011.

IAMAMOTO, Marilda Vilela. **Serviço Social em Tempo de Capital Fetiche**: Capital financeiro, trabalho e questão social. São Paulo: Cortez Editora: 2008.

IANNI, O. **A Ditadura do Grande Capital**. São Paulo: Expressão Popular, 2019

KONDER, Leandro. **Os Marxistas e a Arte**: breve estudo histórico-crítico de algumas tendências da estética marxista. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1967.

LÊNIN, Vladimir Ilitch. **O Imperialismo Etapa Superior do Capitalismo**. Campinas: Navegando Publicações, 2011.

LODO, Gabriela Cristina. Arte na América Latina: historiografia e identidade (1960 - 1970). **Revista Ars Historica**, nº. 19, jul./dez. 2019, p. 153-180

LUKÁCS, György. **Marx e o Problema da Decadência Ideológica**. Anuário Lukács 2015. São Paulo: Instituto Lukács, 2015.

\_\_\_\_\_. **Para uma Ontologia do Ser Social I**. Boitempo, São Paulo: 2018.

\_\_\_\_\_. **A Destrução da Razão**. São Paulo: Instituto Lukács, 2020.

MARINI, Ruy Mauro. **Dialética da Dependência**. Petrópolis: Vozes, 2000.

MARX, Karl e ENGELS, Friedrich. **A Ideologia Alemã**. São Paulo: Expressão Popular, 2009.

MAZZEO, Antonio Carlos. **Estado e Burguesia no Brasil**: origens da autocracia burguesa. São Paulo: Boitempo, 2015.

MAZZEO, Antonio Carlos. **Fundamentos Históricos da Autocracia Burguesa no Brasil. Independência do Brasil**: a história que não terminou. São Paulo: Boitempo, 2022.

MÉSZÁROS, István. A Crise Estrutural do Capital. **Revista Outubro**, edição 04, 2000. Disponível em: <http://outubrorevista.com.br/wp-content/uploads/2015/02/Revista-Outubro-Edic%CC%A7a%CC%83o-4-Artigo-02.pdf>. Acesso em 08 de set. de 2022.

\_\_\_\_\_. **A Crise Estrutural do Capital**. São Paulo: Boitempo, 2009.

NETTO, José Paulo; BRAZ, Marcelo. **Economia Política**: uma introdução crítica. São Paulo: Cortez Editora, 2009.

SANTOS, Aila Fernanda; OLIVEIRA, Shirleny de Souza; QUEIROZ, Felipe de Oliveira; ALVES, Alan de Loiola; RODRIGUES, Brenda Soares. Capitalismo Dependente, Classes Sociais e o Serviço Social Brasileiro: O dilema da América Latina em interface com o projeto ético-político profissional. In.: **Encontro Nacional de Pesquisadores em Serviço Social**, XVI, 2018, Vitória/ES.

SCABELLO, Juliana Cristina. **A Arte como Mediação de Processos Emancipatórios na Práxis do Serviço Social**. Congresso Brasileiro de Assistentes Sociais, 2022.

SILVA, José Fernando Siqueira. América Latina: capital e devastação social. **Revista Katálysis**, Florianópolis, v. 24, n. 01, p. 07-19, jan./jun, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/katalysis/article/view/74788>. Acesso em: 10 de set. de 2022.

